

# Bico Agroecológico

Informativo Bico Agroecológico  
Ano III • nº 11 • Dezembro de 2007

## SISTEMAS AGROFLORESTAIS A PARTIR DA ROÇA DE TOCO

Neste número do Informativo Bico Agroecológico você vai conhecer as experiências de sistemas agroflorestais implantadas a partir da roça de toco desenvolvidas por duas famílias assentadas e ver como as técnicas e as práticas adotadas ajudaram a melhorar a terra e a vida dessas famílias.

### Experiência do Seu Quiriba

O meu conselho "é que as famílias tenham uma produção diferenciada, saudável, sem o uso de agrotóxicos e que ajude a enriquecer o solo". Foi com esta idéia que o Seu Quiriba, agente agroecológico e diretor da ABIPA, assentado no PA Sete Barracas, município de São Miguel, iniciou a sua experiência que vamos relatar neste informativo.

Esta motivação nasceu da sua participação em encontros e trabalhos desenvolvidos no PROAMBIENTE que sempre incentivou o agricultor a investir em uma produção diferenciada e diversificada. "Sempre participei das organizações e aprendi muito. Por isso, decidi fazer uma experiência diferenciada, isto é, não plantar apenas o arroz, milho e a mandioca, mas outras plantas junto na roça", lembra. A possibilidade de poder colher os cultivos ao longo do tempo para ir abastecendo a família com alimentos saudáveis também foi uma preocupação ao investir no sistema agroflorestal (SAF).

Então, em 2006, decidiu aproveitar a roça de toco para fazer o seu plantio diversificado. Reservou uma área de uma linha onde plantou 13 tipos de culturas como a mandioca, milho, feijão, cupuaçu, café, caju, maracujá, melancia, quiabo, batata doce, inhame, fava, jaca e manga. Sem contar as 15 plantas nativas que nasceram no SAF's.

Como a roça era uma área de capoeira

fina, para iniciar a experiência teve de arrancar manualmente com o enxadeco todo o capim que nasceu, pois não queria usar veneno. Em seguida, plantou a mandioca tatajuba e o milho na mesma carreira. Entre as carreiras de mandioca plantou feijão manteigão e vagem roxa, além de sementes de caju e cupuaçu e as mudas de café.

Nos pés das pindovas existentes na área plantou fava e nos buracos deixados pelas palmeiras de babaçu caídas plantou sementes de jaca e manga. Na área toda plantou melancia, abóbora e quiabo e em uma das bordas da roça plantou consorciado (junto) inhame e batata doce. Por último, plantou as mudas de maracujá a um metro do caju quando já havia atingido a altura de 50 cm. Todos esses plantios foram feitos de outubro 2006 a janeiro 2007.



De tudo que plantou no sistema agroflorestal colheu um pouco. A partir de janeiro já estava colhendo o feijão verde, quiabo e melancia. Logo em seguida colheu milho, além de 60 litros de feijão seco, 15 litros de fava, 200 kg de inhame, 300 kg de batata doce e abóbora. Com a produção da macaxeira pipoca fez 3 litas de farinha para o consumo da família e o restante deu para os vizinhos e forneceu para as criações de galinhas e porcos. Com uma parte da mandioca produziu 06 sacos de farinha puba, com o objetivo de complementar o recurso para o pagamento da parcela do crédito PRONAF.

produtos comercializados foram a farinha puba, em Imperatriz e a batata doce, na própria comunidade. Os outros produtos foram destinados para o consumo da família. "Hoje ainda tenho feijão guardado, a batata doce que ainda não acabou, a macaxeira e a mandioca, além do caju e outras frutas que plantei. Muita coisa também dei para parentes e amigos", orgulha-se Seu Quiriba.

Pela experiência adquirida, avalia que a vantagem do sistema agroflorestal é a possibilidade de aproveitar a mesma área para o plantio de outras culturas da roça até que se forme a copa das árvores, além de ser uma boa alternativa para quem tem uma família pequena como é o seu caso que teve sempre que desenvolver o trabalho sozinho.

A maior dificuldade destacada neste tipo de plantio foi o de arrancar os pés de



capim na época de preparar a terra. O restante considera que o trabalho foi o mesmo de uma roça tradicional. A única diferença era que tinha de "desviar" das inúmeras plantas existentes na área na hora de capinar. "Tive de ter um cuidado maior só para capinar. Mas se eu plantasse tudo em áreas separadas, o trabalho seria maior porque a área a ser cuidada seria bem maior. Se o trabalho passou do outro foi pouco.", reflete o agricultor.

O único manejo realizado no SAF's foi de roçar o mato no início do período das chuvas, com o objetivo de plantar novas culturas na área. Durante o roço preservou todas as "árvores lineares" para proporcionar sombra para as outras plantas e com a intenção de aproveitá-las futuramente para as necessidades da casa.

Percebeu também que com a cobertura deixada pelo mato roçado, o solo fica sempre molhado e que esta se tornando mais fértil. "Antes quando fui arrancar o capim da área a terra era uma estopa seca e agora está mais preta e fofa", compara.

Das culturas plantadas no SAF's, só morreram o cupuaçu e um pouco de café, no período da seca. Avalia ainda que a fava não produziu bem, mas porque plantou em janeiro quando o costume é plantar em dezembro. A melancia também não teve uma boa produção em função da mandioca que sombreou muito rápido a cultura. O arroz também não produziu bem, porque plantou tarde.

Por outro lado, percebeu que na maioria dos casos, uma cultura não atrapalhou o desenvolvimento da outra, pois foram consorciadas de forma certa e plantadas na época adequada. Como exemplo, citou a batata doce que enrama por baixo e o inhame por cima não prejudicando o crescimento de nenhuma das duas.

Este trabalho desenvolvido no lote tem servido como um espaço de aprendizagem e experimentação. Segundo o Seu Quiriba "Aprendi que posso ensinar as pessoas e que é possível plantar várias coisas numa mesma área. Conseguir produzir tudo que queria e se não plantasse teria que comprar".

E a partir desta experiência, algumas famílias da comunidade perceberam que os sistemas agroflorestais é uma boa alternativa para enriquecer o solo e para garantir o crescimento de árvores, principalmente, as árvores nativas que crescem mais rápidas que as plantadas. Consideram também que é uma saída para garantir mais chuva, numa região em que o solo ficou muito seco por causa do desmatamento.

Relato da experiência baseado na entrevista com Seu Antonio Silva Sousa (Quiriba) do PA Sete Barracas.

### Experiência da Dona Tonilda

Este relato conta a experiência desenvolvida pela Dona Tonilda, mãe de doze filhos e agricultora assentada no Projeto de Assentamento Santa Cruz, no Setor Campestre, município de Esperantina - Tocantins. Tonilda é agente agroecológica do PROAMBIENTE e assume outras funções, sendo vice-presidente da associação do assentamento e do STTR Regional e uma das diretoras da Associação Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio - ASMUBIP. Mesmo com tantas responsabilidades ainda sobra tempo para experimentar novas alternativas no seu lote.



Uma das experiências desenvolvidas no lote é o sistema agroflorestal que já tem quatro anos. Tudo iniciou em 2003, quando o seu filho participou do curso de agroecologia e sistemas agroflorestais, promovido pela APA-TQ, em parceria com o STTR Regional. Este curso tinha o objetivo de motivar os agricultores e as agricultoras a buscarem alternativas para recuperação de áreas degradadas e diversificação da produção no lote. Logo que voltou do curso, planejou com a mãe, a implantação da experiência numa parte da roça, pois segundo Tonilda: "o meu filho ficou muito motivado pela proposta, pois percebeu que tinha futuro pelo adubo que ia se formar com toda as folhas e galhos deixados na terra e as plantas que escapassem do plantio estaria bem adubada, apesar de achar que dava muito trabalho". Pensou também em melhorar a renda plantando outras culturas que não fosse só o milho e feijão.

Para iniciar a experiência aproveitou uma área de roça de toco de meia linha. Nela plantou primeiro, o milho e feijão trepa pau, no final de novembro. Depois a banana das variedades missouri, nanica e capira, o abacaxi, o café, a macaxeira e as sementes de bacaba, urucum, caju, açai, bacuri, jatobá, cupuaçu e acerola, em janeiro. Por último, plantou o feijão de porco e a mucuna no final de fevereiro.

As sapucaias e os taturubas nativos que nasceram na área deixaram crescer, além de outras plantas que percebeu que serviria de sombra para outras plantas, mesmo que depois tivesse de eliminar. No primeiro ano, os manejos feitos na área foram:

- (a) Rebaixar um pouco a folhagem das leguminosas realizados durante a colheita das sementes de feijão de porco e mucuna;
- (b) A roçagem do mato, no início do período das chuvas;
- (c) Plantio de mais frutas para enriquecer mais o sistema agroflorestal;
- (d) Limpar as folhas secas da banana.

Este trabalho tem envolvido o marido e, principalmente, os filhos que hoje reconhecem a importância de plantar. Segundo ela "hoje os meus filhos pegam as sementes e já vão por iniciativa própria plantar no saquinho de mudas".

No primeiro ano, colheu o milho e um pouco de feijão e a partir do segundo ano, começou a colher a banana, alguns abacaxi, a macaxeira que teve uma boa produção mesmo com tanta árvore plantada junta. E hoje, já colhe também café, urucum e caju da área. Com esta produção, "melhorou a nossa alimentação, porque temos as frutas para comer e podemos fazer suco de caju. Ao invés de comprar suco do comércio, temos no nosso próprio lote", destaca.

Pela colheita tão diversificada numa área tão pequena, ela considera que o resultado foi bom: "Vi que podemos colher na mesma área durante vários anos, várias coisas sem o uso do fogo. O solo está bem melhor, não fica mais seco, porque está todo coberto. Já podemos plantar outras coisas e temos certeza que vai dar".

A única dificuldade encontrada neste tipo de plantio é que no primeiro ano muitas plantas morrem e por isso tem que plantar de novo, mas, percebe que a cada ano morrem menos plantas. Outra vantagem é que o trabalho da capina é só no primeiro ano, depois não precisa mais capinar é só roçar no final do ano. É uma facilidade à mais porque diminui o trabalho. Comparando a roça de toco com o sistema agroflorestal, Dona Tonilda considera que "ela dá mais trabalho porque dá muito mato e se fosse plantar todo ano numa roça queimada, todo ano precisaria capinar".

Com os aprendizados desta experiên-

cia já implantou mais duas áreas, uma sem usar o fogo para preparar a área e outra no seu quintal, onde plantou banana, abacaxi, caju, mogno, ameixa, neen, graviola, urucum, pupunha, bacaba, macaxeira das variedades preta e cacau, abacate, feijão de porco e um pouco de mucuna.

Uma constatação que percebeu na área do quintal foi que as galinhas não atrapalharam o plantio. Geralmente, as criações tornam-se um dos grandes problemas enfrentados para quem deseja investir no plantio de frutas no quintal. Segundo sua experiência "Num outro plantio que agüei, as galinhas cisaram demais nos pés da planta e nessa área que não agüei elas não cisaram".

Nestes novos plantios, buscou envolver outras famílias do PROAMBIENTE para que pudessem também aprender. Hoje, percebe que a maioria das pessoas está plantando frutas no seu quintal e na roça.

Além dos sistemas agroflorestais, tem investido na criação de abelhas. Com as oito caixas de abelha neste ano de 2007, colheu 140 litros de mel, com a ajuda dos filhos. A produção foi vendida em Buri, na Vila Tocantins, na própria comunidade e no ano anterior para o Compra Direta, que gerou uma renda complementar e enriqueceu a alimentação. "Consumimos uns 20 litros de mel por ano. As crianças gostam muito de mel".

Uma outra riqueza existente no lote e aproveitada pela agricultora é o babaçu. Que inclusive nos seus sistemas agroflorestais as palmeiras são preservadas, com isso e a apr

oveita o coco para fazer o azeite, o sabão e o carvão da casca. E a partir deste ano começou a tirar o mesocarpo. O babaçu tem uma grande importância sócio-econômica para a família, porque "com o uso do azeite deixo de comprar o óleo, além de achar mais sadio. Com o carvão não preciso depender só do gás e o mesocarpo substi-



tui outro tipo de massa que teria que comprar no mercado, além de ser medicinal servindo para todo tipo de inflamação. Tem gente que já está fazendo bolo e cuscuz de mesocarpo."

Daqui para frente, a família de Dona Tonilda pretende aumentar a área de plantio, sem o uso do fogo e utilizando as próprias mudas produzidas no lote, além de buscar mercado para o mesocarpo e o azeite. E sugere que "toda pessoa faça o seu quintal diversificado porque é muito fácil de manter e colher os frutos no próprio lote e num pequeno pedaço de terra se pode produzir muitas coisas que vem melhorar a nossa renda e a nossa terra".

Relato da experiência baseado na entrevista com a Sra. Tonilda de Araújo da Cunha, do PA Santa Cruz, Setor Campestre.



Proj. Ass. Santa Cruz, 116 - Centro - CEP 77900-000  
Assentamento: 72 - Fone: Fax: (63) 3466-1407  
e-mail: apatq@cepa.com.br

R. 12, 52 04, Lote 12, Alameda 19 - CEP 77170-020  
Fátima - TO - Fone: Fax: (63) 3216-3484  
e-mail: apa@cepa.com.br

Entrevista de: Sra. Tonilda de Araújo da Cunha

Assessor:  
Júlio Francisco Junior  
Quilombo II, do Povoado  
Tonilda de Araújo da Cunha  
Aparecida Silva Sousa - Quilombo  
Ribeirão, Assentamento  
Jatobá, Fátima, Povoado

Assessor:  
APA-TQ e Sra. Tonilda de Araújo da Cunha

Assessor:  
Norman Buarque

Assessor:  
Flávia Góes

Fone:  
1.000 (em exemplares)

Após:

Secretaria de  
Agricultura Familiar

Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

MISEROR  
1994-2007